



“ARTE FAZ PARTE!”: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE HUMANIDADES POR MEIO DA ARTE NA EJA DO SESI/SP.¹

Carlos Antonio dos Reis ²
Talita Cavalca Ramachiotti ³

RESUMO

Este artigo visa apresentar uma das práticas pedagógicas realizadas pela equipe da EJA do Sesi no estado de São Paulo. Foca, para tanto, no “Projeto Arte Faz Parte!” que vem sendo desenvolvido nesta instituição pelos professores tutores de Ciências Humanas, na modalidade EaD, desde o segundo semestre de 2022. Tal projeto objetiva colaborar para a construção do conhecimento sobre a área de Humanidades entre os alunos, tomando como referência teórico-metodológica a concepção de arte-educação pois, em seu fazer, propõe como estratégia central um diálogo interdisciplinar com as artes que leve a uma maior compreensão de determinadas temáticas, cenários e contextos sociais em diferentes recortes de tempo e de espaço. Para além disso, “Arte Faz Parte!” busca promover também um diálogo com o Projeto de Vida dos alunos ao partir de uma perspectiva de educação intercultural, integral e inclusiva. Nesse sentido, lança mão de elementos que colaborem para fortalecer o autoconhecimento e autoestima dos estudantes, uma vez que o contato com a arte os sensibiliza e aprofunda uma percepção de si e do mundo a sua volta, ampliando seus horizontes por meio do aguçamento de suas sensibilidades, curiosidade e levando-os a reflexões que os estimulem não somente a um letramento artístico, como também a atuar de modo a produzir possibilidades de transformações em suas vidas e seus círculos sociais. Assim, abordaremos algumas das práticas experienciadas entre professores e estudantes da EJA-Sesi/SP integrantes do projeto, destacando, especialmente, o seu protagonismo, os relatos e produtos desenvolvidos por estes nas duas edições ocorridas até o momento.

Palavras-chave: EJA; Ciências Humanas; Arte-Educação.

INTRODUÇÃO E REFENCIAL TEÓRICO

A arte pode ser estudada, analisada na ciência e história e também sentida pela existência humana. Ela nos ensina a viver com intensidade as múltiplas formas de manifestar as diferentes sensações e sentimentos. A arte nos ensina a encontrar prazer na vida e nos ajuda a compreender a existência humana na sua plenitude. Ensinar arte é abrir caminhos para aprender a ler, interpretar e reinventar o mundo. (FERRARI, 2015, p. 261)

As palavras que tomamos emprestadas como epígrafe a esse breve artigo nos chegam a partir da artista visual e vencedora do Prêmio Jaboti de 2015, Solange Ferrari. Por meio delas, esta arte-educadora dimensiona não só a variada gama de possibilidades e benefícios que o contato com a arte gera na vida dos indivíduos, como também enfatiza o impacto decisivo com o qual a sua presença intermedia as relações das pessoas com o mundo que as cerca.

Ao mesmo tempo, a despeito do inquestionável potencial assumido pela arte para o desenvolvimento individual e das sociedades, esta não é capaz de, por si só, dar conta de chegar

¹ O presente artigo é resultado do Projeto de Ensino “Arte Faz Parte!” desenvolvido junto à EJA-EaD do Sesi/SP.

² Doutor em História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Unesp/Franca, carlos.reis@sesisp.org.br.

³ Graduada em Geografia pela Universidade Salesiana de São Paulo, talita.ramachiotti@sesisp.org.br.



a todos de uma maneira justa e acessível. É sabido que, por diferentes circunstâncias pessoais, boa parte dos brasileiros não teve acesso satisfatório a ambientes comumente identificados às artes. Situação que se agrava quando pensamos nos atores centrais deste artigo, quais sejam, os estudantes da EJA cuja maior parte foi cerceada não só da educação formal, mas também do acesso e frequência significativa a espaços artísticos e culturais ao longo de sua vida.

Assim, este artigo visa relatar alguns tópicos sobre a experiência desenvolvida desde 2022 pelos professores-tutores de Ciências Humanas e os alunos da EJA-EaD do Sesi/SP através do Projeto “*Arte Faz Parte!*”. Este, por sua vez, objetiva colaborar para a construção do conhecimento na área das humanidades entre os estudantes ao propor como recurso central o diálogo com as artes para uma maior compreensão de determinados temas, cenários e contextos sociais através do tempo e do espaço. Para tanto, como objetivos específicos, o projeto busca: - promover o contato com manifestações artísticas em diferentes suportes (literatura, quadros, música, cinema, esculturas, ilustrações, entre outros); - apresentar diferentes manifestações artísticas para compreender as transformações no tempo, no espaço e paisagens, identificando as relações entre passado e presente em diversas sociedades; - incentivar a formação crítica e apreciativa que envolvem a produção artística e o acesso a esta, bem como ampliar o repertório cultural, o gosto e a visão de mundo dos discentes; - estimular um espaço escolar como lugar de reflexão, criação, interação e propagação do pensamento crítico por meio da escolha de temáticas e atividades que promovam a autoestima, o protagonismo e a autoria entre os alunos a partir da apropriação e fruição das experiências promovidas nas aulas.

Nesse sentido, para além de comungarmos com as reflexões presentes em Solange Ferrari, acreditamos que o ensino por meio de um projeto interdisciplinar que recorre ao uso da arte como estratégia disparadora se justifica pois, como previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, por meio deste contato, o aluno poderá: compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir; criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio; favorecer a abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana; tornar-se capaz de perceber sua realidade cotidiana, objetos e formas que estão à sua volta; realizar uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor (BRASIL, 1997, p.19).

Mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, alinhando-se numa direção semelhante aos PCNs, corrobora com nossas intenções quanto à utilização da arte como recurso disparador ao avaliar que esta:



articula manifestações culturais de tempos e espaços diversos, incluindo o entorno artístico dos alunos e as produções artísticas e culturais que lhes são contemporâneas. Do ponto de vista histórico, social e político, propicia a eles o entendimento dos costumes e dos valores constituintes das culturas, manifestados em seus processos e produtos artísticos, o que contribui para sua formação integral. (BRASIL, BNCC, 2018)

Como já adiantamos, o projeto é aplicado em alunos da EJA-EaD do Sesi, com alunos espalhados por diferentes localidades do estado. Logo, para além das orientações gerais para o ensino da e pela arte que vimos até aqui, cabe situar algumas especificidades desta modalidade de ensino que atende jovens e adultos cujas idades se apresentam acima dos limites daquelas previstas para o ensino regular.

Desta maneira, “*Arte Faz Parte!*” contou com duas edições realizadas entre o segundo semestre de 2022 e o primeiro de 2023, contabilizando um total de 10 alunas⁴ concluintes e que apresentavam idades variando entre 22 e 60 anos, que exercem uma dupla jornada entre trabalho, seus afazeres domésticos e cuidados com os filhos. Logo, é fundamental considerar que a partir de suas diferentes vivências escolares, estas estudantes trazem quase sempre uma relação atravessada pela sensação de exclusão e baixa autoestima resultantes de passagens escolares anteriores que, por razões diversas, configuram-se como fracasso já que não obtiveram sucesso e foram obrigadas à evasão. Por conta disso, ao mesmo tempo, diminuíram ou perderam quaisquer estímulos com o já reduzido contato com a apreciação artístico-cultural que experimentavam.

Assim, em consonância com a Proposta Curricular do MEC para o Ensino de Arte na Educação de Jovens e Adultos, partimos da percepção de que “qualquer que seja a atividade artística a ser trabalhada com esse aluno, sua autoestima e autoconfiança, pautadas na valorização de suas experiências e de saberes, são atitudes imprescindíveis para garantir o êxito do processo de ensino e aprendizagem” (BRASIL, 2001, p. 144).

Logo, “*Arte faz Parte!*” propõe abordagens que também buscam fazer com que as alunas se sintam incluídas e aptas a apreender leituras da realidade por meio da apreciação e análise de variadas obras de arte em seu sentido mais tradicional até grafites nas ruas e a arquitetura das ruas pelas quais circulam em seus bairros. Há sempre um movimento tentando fazer com que estas se vejam nas mesmas, uma vez que visamos instrumentalizar o seu olhar para reflexões que tocam o seu cotidiano, partindo de suas experiências pessoais, levando-as a buscar, perguntar, discutir, pensar sobre “*o que é arte?*”, mas também em que medida esta se faz presente na sua rua, na sua igreja, nas festas que frequentam, etc. Com isso, poderão se

⁴ A partir daqui, nos referiremos às alunas em sua forma feminina tendo em vista que entre as concluintes de ambas as edições, todas são mulheres e se identificam com o gênero feminino.



familiarizar com a apreciação de manifestações artísticas de diversas culturas, tempos e lugares, adquirindo conhecimentos que lhe permitam perceber, distinguir, refletir e analisar o mundo. Dessa forma, os debates estabelecidos visam reforçar valores que colaborem com a (re)construção do autoconhecimento e autoestima das participantes pois entendemos que arte propicia uma percepção de si e da sociedade à sua volta. Por meio desse contato, vão ampliando horizontes, sensibilidades e levando-os a reflexões de modo a produzir possibilidades de transformação em suas vidas e seus círculos sociais ou, como bem nos disse Solange Ferrari em nossa epígrafe, “reinventa mundos”.

“*Arte Faz Parte!*” busca, acima de qualquer outra coisa, uma educação estética⁵ mais reflexiva, humanista e humanizadora. Por isso, alguns caminhos metodológicos foram importantes para a sua elaboração que, enquanto projeto extracurricular, construiu-se tendo como referência alguns apontamentos acerca da *Aprendizagem Baseada em Projetos* (ABP) presentes em Willian Bender (2012). Este educador norte-americano defende uma abordagem pedagógica que enfatiza uma aprendizagem ativa maior por meio da realização de projetos que, construídos em torno de um tema central que seja relevante e interessante para os alunos. Tal tema servirá como um ponto de ancoragem para o desenvolvimento da aprendizagem. No nosso caso, o ensino de Ciências Humanas por meio das Artes vai em direção a isto e à abordagem interdisciplinar que Bender também identificou como fundamental para esta metodologia. Deste modo, entende que a integração de diferentes disciplinas permite que os alunos vejam a aplicação prática dos conhecimentos em diversos contextos do mundo real.⁶ Bender reforça ainda que a avaliação é realizada com base nas habilidades demonstradas na confecção e apresentação de um produto final sugerido e executado em etapas distribuídas ao longo do projeto (BENDER, 2012).

Nessa perspectiva, nosso projeto alinha-se às direções metodológicas pensadas pela ABP de Bender e propõem uma abordagem a partir da arte que busca tornar a aprendizagem das Ciências Humanas mais significativa, conectando o conteúdo do currículo à vida cotidiana

⁵ Expressão utilizada por Duarte Jr. (2000, p. 15) ao propor que devemos pensar com urgência a necessidade de uma educação pela e para a arte como uma educação do sensível e do sentimento que “(...) que poder-se-ia muito bem denominar educação estética. Contudo, não nesse sentido um tanto desvirtuado que a expressão parece ter tomado no âmbito escolar, onde vem se resumindo ao repasse de informações teóricas acerca da arte, de artistas consagrados e de objetos estéticos. Trata-se, antes, de um projeto radical: o de um retorno à raiz grega da palavra “estética” – *aisthesis* –, indicativa da primordial capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado.”

⁶ A temática a partir do qual a aprendizagem do projeto se ancora deve ser conduzida como incentivo aos alunos a se envolver em pesquisas, coleta de informações e investigação sobre o assunto, promovendo a curiosidade e o pensamento crítico deles, estimulando a trabalharem colaborativamente. Com isso, promove-se habilidades sociais, como comunicação, trabalho em equipe, a responsabilidade, o engajamento e autonomia; evidencia-se o exercício do protagonismo dos estudantes envolvidos pois podem escolher como abordar as discussões propostas e tomar decisões sobre sua execução (Bender, 2012).



dos alunos, estimulando a curiosidade, a criatividade e o pensamento crítico, ao mesmo tempo em que promove a aquisição de habilidades práticas para sua formação e Projeto de Vida. Assim, consoante com as orientações da BNCC (2018), *Arte Faz Parte!* visa desenvolver as seguintes competências e habilidades que contemplam o Ensino Fundamental e o Médio da EJA-EaD do Sesi/SP, tendo em vista que as turmas misturam alunos dos dois diferentes segmentos.⁷

Para tanto, além das orientações deste educador norte-americano, das direções apontadas pelos documentos norteadores oficiais do MEC – apresentadas na Introdução –, seguimos, principalmente, as reflexões de Ana Mae Barbosa para o ensino por meio das artes e do trabalho com a arte-educação. Conforme os ensinamentos da autora, adotamos a perspectiva da arte-educação e da proposta triangular de ensino para as artes que sugere que este deve ocorrer a partir de três ações distintas, mas complementares, quais sejam: ler as obras de arte; contextualizar e fazer artes. Em nosso caso, o foco maior reside nos atos da leitura e da contextualização que, conforme Ana Mae Barbosa (2005, p.143):

(...) não é só contar a história de vida do artista que fez a obra, mas estabelecer relações dessa ou destas com o mundo redor (...). A leitura da obra de arte (que recentemente tem sido chamada de apreciação) propõe uma leitura do mundo e de nós neste mundo, uma leitura que, é na verdade, uma interpretação cultural.

Diante disso, “*Arte Faz Parte!*” foi pensado a partir da elaboração de Eixos Temáticos que remontam a conteúdos tradicionalmente ligados ao campo das Ciências Humanas, mas que ora articulamos sempre atravessados a partir da contextualização de alguma obra de arte acompanhada de uma pergunta disparadora. Tais Eixos foram distribuídos em 9 encontros cujas discussões se fazem a partir da adoção de diferentes metodologias de ensino. Já no décimo encontro, seguindo as propostas de Bender, os participantes apresentam e debatem seus produtos finais com os demais participantes e professores. Quanto aos temas pensados para cada eixo, a distribuição deu-se da seguinte forma: Arte; Arte, sustentabilidade e preservação ambiental; Arte, mundo do trabalho e eu; Movimentos sociais e as artes; Arte Engajada; Arte,

⁷ São elas: - COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1: Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica; - COMPETÊNCIA 3 (EF GEO): Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.; - HABILIDADE (EF ART): Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.



cultura e identidade; Identidade e Autorretrato. Todos os eixos partem da exploração de diferentes suportes e manifestações artísticas, evidenciando as especificidades das obras, estilos e artistas escolhidos, contudo, a ênfase redobra-se sobremaneira quanto aos aspectos históricos, sociais, políticos, econômicos, culturais e ambientais entreveem leituras daquele contexto e possíveis reflexos na atualidade, particularmente, no cotidiano das alunas.

Como já dito, o projeto lançou mão de metodologias variadas, tais como: aulas expositivas dialogadas, sala de aula invertida, pesquisas de campo, criação de podcasts, postagens em *Padlet*, entre outras. Ao longo dos encontros, de acordo com o encerramento de cada Eixo – que geralmente duram 2 encontros –, as alunas precisam registrar suas impressões e apreensões realizando uma atividade proposta que variou entre formulários com questionários de autoavaliação, participação em fórum temático no Moodle do projeto, pesquisa de campo por meio de fotografias, pesquisa conceitual com postagem e comentários em um *Padlet*, elaboração de roteiro de entrevistas e postagem de podcasts, entre outros. Já no encontro final, as alunas apresentam um trabalho artístico autoral que precisa mobilizar os temas das discussões desenvolvidas nos encontros para criar um Autorretrato reflexivo que, por sua vez, precisa ser justificado em uma exposição oral aos professores e demais colegas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em linhas gerais, as duas edições realizadas até a escrita desse artigo (setembro de 2023), “*Arte Faz Parte!*” se mostrou um projeto que, a despeito da baixa procura entre os alunos da EJA-EaD do Sesi/SP, demonstrou um bom engajamento e interesse das alunas matriculadas e frequentes nos encontros. A maioria participou ativamente das discussões e atividades propostas, atingindo satisfatoriamente os objetivos propostos de acordo com as rubricas elaboradas para a sua avaliação. Entre as últimas, esperava-se que, a cada Eixo temático, as estudantes: 1 - demonstrassem ter desenvolvido pensamento crítico e reflexivo nas interações durante a aula e nas atividades desenvolvidas; 2 - fossem capazes de apreender e respeitar novas perspectivas do mundo ao ser apresentadas a diferentes experiências estéticas, culturais e intelectuais; 3 - compreendessem e realizassem as atividades, conseguindo planejar-se e executar as etapas de desenvolvimento sugeridas conforme orientações pré-estabelecidas, demonstrando interesse e autonomia; 4 - compreendessem e contextualizassem as categorias de análise e conceitos, demonstrando capacidade de estabelecer relações com seu cotidiano, exercendo seu protagonismo.



Pudemos perceber que os objetivos propostos em relação à rubrica 1 foram amplamente atingidos ao longo dos encontros, uma vez que as participantes se mostraram bem engajadas nas discussões e temáticas analisadas. Nesse sentido, se mostram bastante representativos os argumentos observados em diálogos propostos por perguntas disparadoras tais como, por exemplo, “*O que é arte para você?*” que foi respondida via aplicativo de criação de tempestade de ideias durante o primeiro encontro do projeto. As respostas mostraram-se muito ricas e demonstram a transformação da forma como se relacionavam com a sua própria concepção de arte, como podemos observar nos relatos obtidos durante esse encontro. A Aluna 1, por exemplo, afirmou que: “Achava que era um quadro ou uma exposição”, enquanto outras elaboraram melhor suas percepções ao falar que: “Arte simboliza tanto o cotidiano, mais (*sic.*) sim representa o que sentimos e vemos com o coração. Isso acaba se expressando de maneira entre a música, pintura, teatro, etc...” (Aluna 2), ou ainda: “Para mim, agora a arte é uma forma de expressar muitos sentimentos. Arte é muito importante para o mundo” (Aluna 3).

Também foi possível notar a mudança de perspectiva no olhar não apenas sobre o que algumas entendiam por arte e como se mostraram receptivas a compreender novas propostas e diferentes visões de arte e obras artísticas com as quais não tinham familiaridade alguma como, por exemplo, obras que referenciam origens e matrizes africanas. Como nos diz a Aluna 4, “Eu consigo ver com outros olhos, porque a arte pode ser representada através de várias formas.” Ainda nessa direção, outro relato confirma o mesmo: “Houve uma grande abertura para observar mais e dar significados a algumas coisas que as vezes (*sic*) nem notava ou não dava tanta importância. Achava que arte era só desenhos, e hoje consigo perceber que tudo que vemos pode ser um tipo de arte” (Aluna 5). Tais falas, entendemos, contemplam o esperado para se atender à rubrica 2. Fato que também pode ser ilustrado a partir do gráfico obtido junto ao questionário de Autoavaliação realizado via formulário do Google ao final do projeto e para qual a totalidade das alunas respondeu afirmativamente.



Ainda nesse sentido, outro relato identificou a sensação de um espaço do projeto mais interativo e humanizado que a utilização da arte propiciou entre as estudantes uma vez que, nas aulas das disciplinas “tradicionalis” – que são ministradas pelos mesmos professores e ao mesmo



grupo de alunas –, a interação se mostra muito menor e restrita aos mesmos poucos estudantes ao passo que a maioria assiste passivamente. Já nos encontros do projeto, as discussões apresentam-se muito mais ricas e com a adesão da quase totalidade das presentes, provavelmente, mais abertas e dispostas porque a relação que se cria com a obra de arte acaba por sensibilizá-las e engajá-las muito mais. Como avalia a Aluna 3: “Eu consegui participar e interagir com os professores e colegas, trocando bastante conhecimento e aprendizados. Os professores nos deixaram muito livres para responder as perguntas e participar das aulas”.

A capacidade de apreender novas informações e rever suas próprias concepções sobre arte ao se deparar com o novo e o diferente do seu habitual – outro objeto de avaliação da rubrica 2 –, também foi registrado em diferentes falas a respeito da exibição de trechos do documentário *Lixo Extraordinário* (2010) sobre a obra do artista plástico Vik Muniz na aula correspondente ao Eixo “Arte e sustentabilidade”. Os relatos revelam um momento de enorme sensibilidade, houve uma grande emoção e encantamento das cursistas ao perceberem à possibilidade de se produzir arte em um aterro sanitário e a partir do lixo: “O filme LIXO EXTRAORDINÁRIO me emocionou demais” (Aluna 1); “Eu gostei de assistir o filme do lixo extraordinário, e também gostei de nossos encontros e os desabafos com colegas que foram muito emocionantes” (Aluna 3); “Gostei de vários, mais VIK MUNIZ com seu LIXO EXTRAORDINÁRIO foi o que mais gostei” (Aluna 5); “As várias maneiras de se fazer arte usando o material reciclável. Eu amei a aula e o documentário que mostrou a arte nos Lixões” (Aluna 8). Já outra aluna percebeu no filme uma possibilidade para refletir sobre às suas práticas diárias de consumo e produção do lixo em casa: “Lixo extraordinário me mostrou como somos egoístas” (Aluna 4).

Quanto aos resultados esperados quanto à terceira rubrica, que foca nas habilidades de compreender orientações, planejar e executar as etapas pensadas para uma atividade pré-estabelecida, compreendemos que também foi atingida a contento pela quase totalidade das alunas ao observamos algumas de suas entregas. Nas duas turmas, isto ficou nítido através da realização do conjunto de atividades pensadas para o eixo Arte, Sustentabilidade e Preservação Ambiental. Na turma de 2022, foi adotada a metodologia da sala de aula invertida e, por isso, as alunas deveriam chegar para a primeira das aulas sobre o tema já tendo pesquisado e postado em um fórum no Moodle a conceituação do que é sustentabilidade e deveriam ter assistido ao já mencionado *Lixo Extraordinário*. Todas cumpriram estas etapas. O segundo encontro foi destinado à uma visita virtual ao acervo da exposição “*Bicho Homem*” do artista português Bordalo II e também a conhecer e analisar o mural “*O Brigadista da Floresta*” do artista e ativista brasileiro Mundano. Partindo daí, discutimos de que forma as preocupações entre arte e



meio ambiente podem caminhar lado a lado. Após um excelente debate reflexivo sobre os materiais selecionados, às alunas caberia uma nova tarefa para concluir este eixo: realizar uma pesquisa de campo sobre algum problema ambiental encontrado em seus bairros cujos resultados deveriam ser apresentados por meio de uma foto denúncia. Novamente, a tarefa foi realizada com êxito e todas as alunas cumpriram mais esta etapa e, como conclusão, expuseram suas fotos com legendas explicativas no mural virtual do curso.

Já para a segunda turma, as etapas da sala de aula invertida, bem como as visitas virtuais e exposições foram as mesmas, contudo, na etapa de conclusão, a pesquisa de campo/foto denúncia foi substituída pelo monitoramento fotográfico mostrando a quantidade de lixo reciclável produzido na casa de cada uma ao longo de uma semana. Ao final deste prazo, deveriam postar as suas sequências de fotos no *Padlet* do projeto, acompanhada de uma reflexão sobre o resultado atingido, bem como trocar suas impressões comentando as postagens das colegas. Novamente, todas as alunas realizaram com êxito a sequência didática programada.

Um outro momento do projeto no qual notamos que os critérios da rubrica 3 também foram contemplados com sucesso, foi no eixo Arte, Mundo do Trabalho e Eu. Neste, as alunas deveriam analisar aspectos do mundo do trabalho representados em fotografias de uma exposição de arte do Masp que focava nos trabalhadores, suas ferramentas e as relações trabalhistas; em charges e gravuras sobre o ludismo, presentes em panfletos ingleses do século XIX; charges sobre os casos de denúncias de trabalhadores encontrados em condições análogas à escravidão no Brasil recente e do clipe e letra da versão da música *Capitão da indústria* dos Paralamas do Sucesso. Estes diferentes suportes artísticos levaram a análises muito proveitosas entre as alunas, sobretudo, quando articularam a discussão das relações sociais ali ilustradas com os seus próprios anseios e condições de trabalho neste momento de suas vidas. Na etapa seguinte, as estudantes foram apresentadas a podcasts, suas características, estruturas e aplicativos com os quais podemos produzi-los. Diante disso, foram estimuladas a produzirem seus próprios podcasts, tomando como referência os debates deste eixo para responder uma questão norteadora: “Para além da questão material, que papel o trabalho vem representando em minha vida? Qual peso ele tem?” Assim, refletiram para além do aspecto financeiro, ampliando seus relatos para temas como direitos, sonhos, tempo de trabalho, tempo com a família, entre outros. Para tanto, houve uma etapa anterior onde foram trabalhadas questões como a elaboração de roteiros de entrevistas, por exemplo. Ao final, os podcasts foram postados, compartilhados com as demais colegas e comentados em aula. Também para este eixo, os resultados atingidos foram muito positivos.

Com toda certeza, as discussões presentes nos podcasts das alunas atenderam muito bem a rubrica 3, mas não só. É possível avaliar que também atenderam o esperado na rubrica 4 na



medida em que compreenderam categorias de análise e conceitos próprios ao mundo do trabalho, contextualizando e estabelecendo relações diretas com seu cotidiano. Claramente, avançamos em direção ao exercício do protagonismo entre as estudantes. Todavia, é inegável que as metas da quarta rubrica se evidenciaram no eixo Identidade e Autorretrato, momento no qual, todas as discussões e eixos anteriores se atravessam claramente e as alunas precisam produzir arte para seu produto final. Assim, por meio de um autorretrato reflexivo, as alunas se autorrepresentam por meio de alguma expressão artística autoral em que se evidenciem traços e influências das várias referências mobilizadas ao longo de todos os eixos e aulas. Este, por sua vez, pode ser escrito, desenhado, pintado, cantado, rimado, enfim, construído a partir da criatividade de cada uma.

Provavelmente, as alunas da segunda edição demonstraram maior compreensão das orientações propostas e produziram registros que atenderam com maior riqueza e profundidade às reflexões costuradas ao longo do caminhar entre os Eixos e, principalmente, na forma como as temáticas abordadas podiam estabelecer conexões e diálogos com suas próprias vidas, identidades, cotidianos, trabalhos e territórios. Nesse sentido, selecionamos dois produtos finais que reafirmam o bom desempenho desta turma e onde é possível identificar elementos e influências das discussões travadas sobre as relações de trabalho e a identidade racial das alunas, por exemplo. Em relação ao primeiro, trata-se de uma aluna que trabalha como faxineira em uma importante universidade federal de São Paulo, sendo assim, se retratou a partir de uma montagem em dois momentos em seu local de trabalho. No primeiro, posou em seu momento atual, segurando uma de suas ferramentas de trabalho e, em seguida, continuou no mesmo cenário, com o mesmo uniforme, no entanto, desta vez se imagina não mais a partir do instrumento de trabalho, mas ocupando aquele espaço enquanto uma estudante universitária em seu futuro. Durante a apresentação do seu autorretrato, a aluna afirmou que tinha o sonho de terminar estudos na EJA e ingressar no ensino superior, naquele mesmo local em que trabalha atualmente. À fotomontagem e à sua fala, a aluna concluiu com os seguintes dizeres: “Quem vive projeta!”.





Para concluir, o segundo produto final evidenciou como a aluna conseguiu compreender diversos aspectos de muitos dos assuntos discutidos ao longo de vários momentos do projeto, utilizando-se de algumas referências apresentadas desde o primeiro encontro como, por exemplo, imagens de grafites em muros da periferia que se utilizam das copas das árvores para representar cabelos afros, o que foi amplamente discutido também no Eixo Movimentos sociais e as Artes quando exploramos muitas obras de artistas negros para reafirmar suas identidades raciais e questionar os padrões de beleza instituídos.



Ao apreciarmos seu autorretrato, fica evidente que a aluna se inspirou nessas representações negras não apenas em termos estéticos, mas, principalmente, para repensar seu pertencimento, assumindo um protagonismo de si mesma enquanto mulher e negra a partir do simbolismo presente na força ancestral de seus cabelos. Como bem nos diz no resumo de seu produto final:

Meu objetivo neste trabalho foi retratar todas as mulheres negras do Brasil e do mundo eu me vejo em muitas mulheres , que lutam pelos seus sonhos para alcançar seus objetivos. Eu fiz uma mulher negra que é minha essência e dentro dos cabelos dela eu coloquei todos as minhas maiores motivações para ser quem sou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas duas edições de *Arte Faz Parte!* realizadas até o momento da escrita deste texto (setembro de 2023), pudemos constatar muitas foram as contribuições ao ensino das temáticas das Ciências Humanas por meio das Artes para o desenvolvimento das estudantes. Desenvolvimento não só intelectual, mas também afetivo e emocional que, em suas falas e produtos finais, se mostraram muito empenhadas e estimuladas a reflexões, questionamentos e



melhorias de sua autoestima e pertencimento. Os temas e debates construídos coletivamente mobilizaram o interesse das estudantes para questões relativas não apenas a um mundo mais técnico e elitizado das artes. Pelo contrário, proporcionou um espaço de trocas no qual puderam contar suas histórias, sentindo-se acolhidas ao mesmo tempo em que tornavam-se cada vez mais capazes de se apropriar das discussões e projetá-las em possibilidades de ações e práticas que possam levar à melhoria de suas próprias vidas. Além disso, ficou claro que houve diferentes recepções às propostas trabalhadas e seus entendimentos pois cada aluna partia de lugares e situações muito diversas o que foi decisivo para a qualidade dos trabalhos finais apresentados. Assim, o projeto nos mostrou que é preciso aproximar a arte do aluno cada vez mais, pois, ao operar no campo do sensível, esta humaniza as relações e referências, amplificando as possibilidades de êxito para a compreensão dos diversos temas e conteúdos analisados, bem como das intervenções nas realidades vividas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana M. **Arte, Educação e Contemporaneidade**. São Paulo: Cortez, 2005.

BENDER, Willian N. **Aprendizagem baseada em projetos**: educação diferenciada para o século XXI. Penso Editora, 2014.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em: 14 abr. 2022.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais**: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DUARTE JR. João F. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. Campinas: UNICAMP, 2000.

FERRARI, Solange S. *et al.* **Por toda parte**: livro do professor. São Paulo: FTD, 2015.

PENTEADO, A. M. & PUIG, Daniel. **Arte na EJA**. Documento de Reorientação Curricular. Programa Sucesso Escolar. Secretaria de Estado de Educação, Governo do Rio de Janeiro: 2005.

PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. Disponível: <https://fdocumentos.tips/document/graca-proenca-historiada-arte-5678997a20b9f.html?page=1>. Acesso em: 14 abr. 2022.